

A invenção do índio: ideologia e história

Ivânia dos Santos Neves

UNICAMP/UNAMA

*Oh, musa do meu fado
Oh, minha mãe gentil
Te deixo consternado
No primeiro abril*

*Mas não sê tão ingrata
Não esquece quem te amou
E em tua densa mata
Se perdeu e se encontrou
Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal
Ainda vai tornar-se um imenso Portugal*

Chico Buarque e Ruy Guerra

Quando escrevi o resumo desta comunicação, minha intenção era analisar, a partir de narrativas indígenas, os processos de criação discursiva do índio pelo europeu e procurar mostrar a chegada do europeu à América, na visão dos grupos indígenas. Mas o assassinato do índio Xacribá, em setembro de 2007, deu um novo rumo para este trabalho: Adolescentes mataram a pontapés e socos um índio, porque ele não quis ficar nu.

A sociedade brasileira, já há algumas décadas, vem acompanhando o comportamento de adolescentes de classe média que incendiaram o índio Galdino, porque pensavam que era um mendigo, espancaram uma empregada doméstica, acreditando que fosse uma prostituta. Enfim, com argumentos desta ordem, no mínimo, estes crimes colocam em evidência alguns discursos que circulam no Brasil de hoje.

Aproveitando que este evento é especificamente de análise do discurso, quero marcar uma posição política. Não sou membro de nenhuma organização que defenda os direitos humanos, nem participo de instituições que lidem diretamente com a justiça. Mas, além de ser cidadã brasileira, trabalho com discursos e culturas indígenas. Algumas vezes, já estive envolvida em discussões sobre a materialidade do discurso e em poucas circunstâncias a materialidade do discurso fica evidente, de forma tão chocante como nas atitudes destes garotos e nos argumentos utilizados pelos advogados de defesa destes adolescentes. Que, na verdade, é a defesa de uma posição social, de uma história social.

Vou fazer nesta comunicação aquilo que considero fundamental para quem assume uma posição política diante da situação dos índios na América Latina. Estou no espaço da academia e tomo a palavra, aqui, para falar de invenção do índio. O que me leva, naturalmente, para o encontro do europeu com a América, quando os habitantes do Novo Mundo passaram a ser chamados de índios, no final do século XV. Vou pautar minhas análises nas primeiras representações escritas sobre os índios na América Central e no Brasil, respectivamente atribuídas ao próprio Cristóvão Colombo e a Bartolomeu Las Casas e Pero Vaz de Caminha e na movimentação de discursos que envolvem a reportagem da Folha de São Paulo sobre o assassinato do índio Xacribá Avelino Nunes Macedo, de 37 anos.

Considerando que a nudez dos índios atravessa minhas análises, quero esclarecer que meu objetivo não é mostrar um fio linear de uma história positivista. Como esclarece Eni Orlandi (2002:p.14): “O discurso é um processo contínuo que não se esgota em uma situação particular. Outras coisas foram ditas antes e outras serão ditas depois. O que temos são sempre “pedaços”, “trajetos”, estados do processo discursivo”.

Aqui, proponho fazer uma espécie de “crítica à afirmação do óbvio” sobre os índios e ir além do simplista e estabilizado “pensavam ter chegado às Índias”. O que significa ser índio? Que sentidos se movimentam em torno desta história contada por uma única versão? Que memória discursiva evoca? Que discursos silencia? Em mais de 500 anos de tensões de todas as ordens, mas, sobretudo discursivas, não é difícil encontrar arquivos que deixem ver as mais variadas formas de representações desta história.

No início era o verbo ...

*Erro de Português
Quando o português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português
Oswald de Andrade*

Na mídia, nos livros de história, na legislação, enfim, nas mais variadas representações institucionais do Ocidente, podemos encontrar discursos estabilizados sobre os índios da América. E, embora seja, no mínimo, equivocada esta denominação, é difícil falar das culturas nativas pré-colombianas, sem denominá-las de indígenas. As autodenominações dos grupos, por vezes até proibidas aqui no Brasil, não foram consideradas pelo europeu. Era preciso nomear tudo, as pessoas, os lugares.

Nem mesmo a denominação “americano”, depois que Américo Vespúcio provou que se tratava de um novo continente, conseguiu se sobrepor ao equívoco de Colombo. Atualmente americano já se constitui em um sentido bem distante do que deveria ter significado no final do século XV, e pelo menos no Brasil, nos discursos midiáticos, diz respeito especificamente aos Estados Unidos. Essa movimentação de sentido, por si só, já merece uma boa análise. Mas não é dela que vou me ocupar diretamente aqui. Porque quando digo americano, não remeto aos índios, então, por esta falha no sentido, devo dizer índio americano.

Os grupos indígenas tinham suas próprias autodenominações. Para exemplificar, vou usar duas palavras de duas diferentes culturas indígenas brasileiras: *Awaeté*, autodenominação dos índios Asuriní do Xingu e *Tenetehara*, dos índios Tembé. *Awa* significa “gente”, *-eté* significaria mais ou menos “daqui”, o que dá “gente daqui”. Entre os Tembé, *Tenetehara*, a autodenominação, significa “a gente”, enquanto que a denominação Tembé, dada por comerciantes das proximidades das aldeias, tem um caráter mais pejorativo, significa “nariz chato”.

Além de serem genericamente chamados de índios, os europeus no início, e os seus descendentes depois, passaram a dar nomes específicos aos grupos, seguindo o exemplo de Colombo, sem considerar as autodenominações. Destas tensões discursivas nascem novas formas de subjetivação. E elas não se limitam apenas aos moradores do novo continente. Para Todorov (1993:p.3):

é a conquista da América que anuncia e funda nossa identidade presente. Apesar de toda data que permite separar duas épocas ser arbitrária, nenhuma é mais indicada para marcar o início da era moderna de que o ano de 1492, ano em que Colombo atravessa o Oceano Atlântico. Somos todos descendentes diretos de Colombo, é nele que começa nossa genealogia – se é que a palavra começa tem um sentido.

Los hermanos

Os sujeitos são submetidos ao acaso e ao jogo, mas também à memória e à regra. Face à imprevisibilidade da relação do sujeito aos sentidos, toda formação social tem formas de controle da interpretação institucionalmente, (mais ou menos) que são historicamente determinadas.

Eni Orlandi

Não encontrei, em minha pesquisa, nenhum registro nem de Colombo, nem do seu escrivão que colocasse em dúvida se as três expedições comandadas pelo almirante tinham chegado às Índias. Tanto o próprio Colombo, como o escrivão Bartolomeu Las Casas davam por certa esta chegada. Em seu diário afirmava: “O paraíso terrestre está no fim do Oriente, pois essa é uma região temperada ao extremo. E aquelas terras que ele acabava de descobrir são, segundo ele, o fim do Oriente¹”. Nem podia ser diferente, ainda que eles tivessem consciência do equívoco, já que dependiam desta certeza os financiamentos das viagens. Era a chegada às Índias o argumento principal para que os reis de Castella investissem nas expedições. Colombo chegou a alegar que recebera notícias de um grande rei do Oriente.

É Colombo quem vai nomear os habitantes da nova terra: os índios, ainda que os classificasse como selvagens e tolos. Afinal, como poderia ter chegado às Índias, sem encontrar os índios? Segundo Todorov (1993:p. 33):

Colombo fala dos homens que vê, unicamente porque estes, afinal, também fazem parte da paisagem. Suas menções aos habitantes das ilhas aparecem sempre no meio de anotações sobre a natureza, em algum lugar entre os pássaros e as árvores “No interior das terras, há muitas minas de metais e inúmeros habitantes (“Carta a Santangel”, fevereiro-março de 1493). “Até então ia cada vez melhor, naquilo que tinha descoberto, pelas terras, como pelas florestas, plantas, frutos, flores e gentes” (“Diário”, 25.11.1492)

Recorrentes vezes os índios são citados nas cartas, ora como medrosos, ora como ingênuos, como cruéis, como covardes. Mas, desde o primeiro contato, é o fato de estarem nus o que mais chama a atenção do almirante. São muitas as referências: “Então viram gentes nuas...” (11.10.1492)² ou “Este rei e todos os seus andavam nus como

¹ In TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América - A questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1993

² Idem

tinhas nascido, assim como as mulheres, sem nenhum embaraço. As mulheres pelo menos poderiam ser mais cuidadosas” (16.12.1492).³

E foi justamente, neste cenário que se lançaram as bases da memória discursiva do Ocidente sobre os “índios”. O primeiro grande silenciamento. O batismo. Para Eni Orlandi (1990, p. 42): O sentido não tem origem. Não há origem do sentido nem no sujeito (onto) nem na história (filó). O que há são efeitos de sentido.” E quais os efeitos deste silenciamento? Que sentidos colocaram a circular? Que sujeito índio é esse nominalizado pelo europeu? A América que começa a ser contada no Ocidente só tem diferenças culturais, não tem história. A memória discursiva sobre os índios coloca a circular efeitos de sentidos relacionados ao pouco cristianismo da sua falta de roupas.

Quando os espanhóis desembarcaram na América Central, o violento império asteca dominava a região. A chegada de uma cultura tão diferente, com armas muito poderosas fez cair por terra o sistema de crenças dos astecas. A noção de tempo circular, previsível, marcada por acontecimentos que se repetiam não previa a chegada de estrangeiros tão poderosos. Segundo Todorov (1993), as previsões que davam conta desta chegada foram elaboradas a posteriori, numa tentativa de reorganização social. Muito mais do que bélica, a dominação foi discursiva, ideológica. Os astecas não tinham, a princípio nem como significar aquele encontro.

Não eram mais astecas ou maias, passavam a ser todos índios e a Igreja Católica, a fé católica precisava chegar até eles. Além, é claro de um dos sistemas de exploração mais devastadores de que se tem notícia.

Chegaram os kamará⁴

Os fatos e a história recentes dos últimos 500 anos têm indicado que o tempo desse encontro entre as nossas culturas é um tempo que acontece e se repete todo dia. Não houve um encontro entre as culturas dos povos do Ocidente e a cultura do continente americano numa data e num tempo demarcado que pudéssemos chamar de 1500 ou de 1800. Estamos convivendo com esse contato desde sempre. Se pensarmos que há 500 anos algumas canoas aportaram aqui na nossa praia, chegando com os primeiros viajantes, com os primeiros

³ Idem

⁴ Kamará é uma palavra de origem portuguesa, mas que muito índios do tronco lingüístico tupi usam para nomear os não-índios. Quando estive pela primeira entre os Suru-Aikewára, eles me chamavam de kamará-kusó, não índia.

*colonizadores, esses mesmos viajantes, eles estão chegando hoje às
cabeceiras dos altos rios lá na Amazônia.*

Ailton Krenac

No Brasil, os índios passam a ser contados a partir da Carta de Caminha. “Andavam nus”. Mas a perspectiva é outra. Em nenhum momento Caminha usa a palavra índio. Ele não afirma ter chegado a um continente e nem fala das Índias. Como nas expedições de Colombo, a carta deixa ver uma preocupação em encontrar ouro. Mas não há referências a possíveis reis do Oriente.

A expedição de Cabral também vai nomear o ambiente. Caminha vai falando dos nomes da Terra de Vera Cruz, do Monte Pascoal. A posição de Cabral é diferente. Enquanto Colombo se incumba de escrever aos reis, Cabral delega, de fato, esta função ao seu escrivão.

Em relação aos índios, eles aparecem na carta como “homens”. Primeiro os portugueses avistam dois homens. Em seu processo de escritura, Caminha usa como estratégia textual o uso abundante de pronomes para se referir aos índios. Dá a impressão que não se sente à vontade com a imprecisão da denominação.

Quando reli a Carta de Caminha, fiquei surpresa por não encontrar a palavra índio. Quando Pedro Álvares partiu Portugal, Cristóvão Colombo já havia voltado para a Europa depois da primeira viagem. Sei que o trabalho dos primeiros jesuítas vai falar em índio, mas vai tratá-los também como gentio e que outros sentidos circulavam na Europa do início do século XVI. Mas enfim, delimitei, para este trabalho, a análise da Carta de Caminha, e nela ele descreve os índios, sem nomeá-los. O que já demonstra uma posição discursiva diferente da defendida por Colombo.

Não vou entrar no mérito dos encontros e desencontros da história ocidental a respeito da América, de Colombo, da Escola de Sagres. Meu objetivo é evidenciar como Colombo e Cabral colocaram em circulação sentidos sobre os moradores do Novo Mundo de diferentes formas.

Na Carta de Caminha, a nudez também é o primeiro comentário significativo sobre os índios: “Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas.” (Carta de Caminha).

“A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou

deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência.” (Carta de Caminha)

Em suas descrições, primeiro ele só fala em homens. Mas, ele marca bem o momento em que vê pela primeira vez as mulheres. E também a elas não se refere como índias. No trecho seguinte, aparece a primeira referência Ocidental à mulher brasileira:

“Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam.” (Carta de Caminha)

Tanto as cartas de Colombo e Las Casas, como a Carta de Caminha produzem efeitos de sentidos diferenciados sobre o homem e sobre a mulher. Existe uma marcação de gênero. A nudez das mulheres, dentro das diferentes condições de produção em que se desenvolveram os empreendimentos colonialistas na América, constitui, de uma forma particular, os discursos sobre o novo continente.

A Carta de Caminha representa um dos discursos fundadores da cultura brasileira. Mas sua importância deve-se, fundamentalmente, do fato de ser escrita e por um português. Os métodos tradicionais da história ocidental sempre privilegiaram o olhar europeu sobre as populações indígenas. Nunca foram considerados os sentidos que os próprios índios davam a sua história. No processo de formação do Brasil, o europeu representaria o “outro”, mas sua presença é tão decisiva na formação discursiva da história, que anula o índio e deixa ao negro apenas uma condição de marginalidade. Para Eni Orlandi (1990:55):

[n]o caso do contato cultural entre índios e brancos, o silenciamento produzido pelo Estado não inside apenas sobre o que o índio, enquanto sujeito, faz, mas sobre a própria existência do sujeito índio. E quando digo Estado, digo Estado brasileiro do branco. Estado que silencia a existência do índio enquanto sua parte e componente da cultura brasileira.

Nesse Estado, o negro chega a ter uma participação. De segunda classe é verdade, mas tem uma participação, à margem, o índio é totalmente excluído. No que se refere à identidade cultural, o índio não entra nem como estrangeiro, nem sequer como antepassado.

Meu trabalho de tese é sobre discursos fundadores da identidade tupi. E toda vez que vou falar a uma platéia, pela primeira vez, causa estranhamento. Pensá-los como constituintes da cultura brasileira, seguindo o raciocínio de Bhabha (2003), perturba a noção de nacionalidade brasileira. Deixa, no mínimo, nebuloso o sentido do que é ser brasileiro nas lentes da história oficial. “O brasileiro se cria pelo fato de fazer falarem os

outros. Há um espaço de diferença. O português se fala do lugar próprio, o brasileiro é deslocado de falas.” (Eni Orlandi, 1990, p. 35) É como se só os ingleses, ou outras sociedade européias (os colonizadores) pudessem se fundar. Os índios, ainda hoje, ocupam uma posição discursiva deslocada nas definições do que é ser brasileiro.

Em julho de 2007, durante um congresso, lembro de um índio Xavante que falava bem alto no auditório, afirmando que era índio, mas que, antes de tudo, era brasileiro. E, sem dúvida, esta é uma bandeira de luta das populações indígenas no Brasil, e por que não dizer na América Latina?

Andavam nus...

Como diria Marx, até uma criança sabe que uma formação social que não reproduz as condições de produção ao mesmo tempo que produz, não sobreviverá nem por um ano. Portanto, a condição última da produção é a reprodução das condições de produção.

Louis Althusser

Nesta parte final do trabalho, vou fazer uma análise da matéria a seguir, divulgada pela Folha online, dia 09 de setembro de 2007. O assunto da matéria é o assassinato do índio Avelino, o acontecimento. As alegações dos garotos são que ele os irritou e queriam vê-lo nu, mas que não desejavam matá-lo.

Jovens são acusados de espancar índio até a morte em MG

THIAGO REIS

DA AGÊNCIA FOLHA

Um índio da etnia xacriabá foi espancado até a morte na madrugada de anteontem, em Miravânia (714 km de Belo Horizonte), em Minas Gerais.

Três jovens -dois deles menores- são acusados do crime. O maior de idade foi preso; os menores, apreendidos. Eles confessaram o crime, segundo a polícia, mas disseram tê-lo feito sem intenção.

O crime ocorreu por volta das 3h30. Avelino Nunes Macedo, 37, voltava para sua aldeia após participar de uma festa na cidade, no distrito de Virgínio.

Uma escola municipal havia montado uma quermesse para arrecadar fundos para a formatura dos alunos da oitava série do ensino fundamental. Os três garotos -de 18, 16 e 15 anos- haviam saído do local, depois de causar um incêndio em uma das barracas.

Segundo a polícia, eles disseram em depoimento que, no trajeto, o índio esbarrou em um deles sem querer, o que os irritou. Eles decidiram deixá-lo nu.

"O ato demonstra que houve preconceito étnico. Fizeram isso porque ele era índio. Queriam despi-lo", disse o delegado Airton Alves de Almeida. Quando retiravam as calças de Macedo à força, ele reagiu. Os três começaram, então, a dar socos e pontapés no índio, de acordo com a polícia. Um dos jovens deu uma rasteira em Macedo, que caiu de cabeça no chão e permaneceu imóvel. Os três continuaram, diz a polícia, a agredir o índio.

Edson Gonçalves Costa, 18, foi preso e indiciado sob suspeita de homicídio qualificado (motivo fútil). Ele não tem advogado. Os outros dois garotos, um de 15 (de São Paulo) e outro de 16, também estão na Cadeia Pública do município de Manga, vizinho de Miravânia. Eles podem ser internados provisoriamente por 45 dias.

Segundo o delegado, os três têm ensino fundamental incompleto. Os dois menores não estudam nem trabalham. Costa é funcionário de um supermercado. "Eles são de classe média tendo em vista a região, pobre. São de famílias conceituadas."

Há cerca de 8.000 xacriabás em Minas -a maioria em São João das Missões. O coordenador regional do Cimi (Conselho Indigenista Missionário) Wilson Santana afirma que Macedo era uma das lideranças de uma área não demarcada, invadida em maio e reivindicada pelos xacriabás. "Não é um caso isolado. É fruto de um processo que levou a uma imagem deturpada do índio na região. O clima de tensão ainda existe e é a preocupação agora."

O argumento de quererem Alvinu nu, por ser um índio, revela uma memória discursiva que, de alguma forma dialoga com as primeiras representações escritas sobre os índios. Para Courtine: (1981) "toda produção discursiva se efetua em determinadas condições conjunturais de produção e remete, põe em movimento e faz circular formulações anteriormente já enunciadas, como um efeito de memória na atualidade de um acontecimento"

A notícia não foi amplamente divulgada nos meios de comunicação. Mereceu apenas breves comentários na televisão. Quando pesquisei na internet, não encontrei a notícia em outros sites.

Procurei, então, notícias sobre os índios Xacribá, mas os poucos registros tratam de um trabalho realizado pela UFMG sobre literatura Xacribá.. Nada que fale de conflitos de terra ou da situação grupo. O que é estranho, se considerarmos que são 8000 índios, em área de conflito. Este silenciamento revela o descaso da mídia com a situação dos índios.

Também saiu uma matéria na Folha de São Paulo impressa. O grupo Folha, com isso, marca uma posição. E, certamente existe um público, ainda que restrito, interessado pela situação dos índios. As vozes institucionais que aparecem, do Cimi, do delegado, marcam uma posição discursiva. O Cimi desconfia das verdadeiras intenções dos garotos, pois alerta sobre o conflito de terras. O delegado se mostra preocupado com questões antropológicas, fala em preconceito racial. Não foram ouvidos os meninos, nem ninguém que defendesse “a imagem deturpada do índio”. Não se ouviu um outro lado.

Segundo a matéria, o comportamento dos três garotos, antes de cometerem o crime, já apresentava atitudes violentas. O que, de certa forma descaracterizaria uma questão étnica. Independente do crime ser com um índio, eles seriam violentos. Por outro lado, os garotos são caracterizados como de classe média, dadas às condições do município. A matéria ainda fala de conflitos com os Xacribá e sobre a liderança que Avelino exercia entre os índios. De qualquer forma, a posição do Grupo Folha está bem evidenciada.

Mais de 500 anos depois, a matéria põe em evidência algumas instituições que continuam constituindo a história dos índios no Brasil: a Igreja Católica, forças armadas. A nudez expulsa do Paraíso bíblico também está aí nas tensões discursivas.

Certamente, muita coisa mudou e já não são mais os portugueses que administram o Brasil. Fica difícil afirmar que os garotos são descendentes de europeus, negros, índios. Entretanto, parece haver uma memória social bem sólida de comportamentos baseados em inferioridades e superioridades culturais, no Brasil e por que não dizer, no mundo de hoje.

Para finalizar, parto do da posição defendida por Michel Pêcheux (1983:p. 57):

A posição de trabalho que aqui evoco em referência à análise do discurso não supõe de forma alguma a possibilidade de algum cálculo de deslocamentos de filiação e das condições de felicidade ou de infelicidade eventuais. Ela supõe somente que através das descrições regulares de montagens discursivas, se possa detectar os momentos de interpretação enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e negados.

O assassinato do índio Galdino, o espancamento da empregada doméstica, o assassinato do índio Avelino, as cartas de Colombo, Las Casas e Caminha marcam momentos de interpretações.

Bibliografia

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 2003
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003
- CORRÊA, Ivânia et al. *O Céu dos Índios Tembé*. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1999. 1ªed.
- COURTINE, J. *Analyse du Discurs Politique*. Languages 62
- PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Contexto, 1983
- Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*; tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al] Campinas: Editora da Unicamp, 1997
- ORLANDI, Eni Pucclineli. *As formas do silêncio*. Campinas: Unicamp, 1997
- _____. *Discurso fundador*. Campinas: Pontes, 2003
- _____. *Interpretação*. Campinas: Pontes, 2004
- _____. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez/ Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América - A questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1993